

UMA VERSÃO DIFERENTE

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

O volume n.8 - sudeste do Pará (Tocantins), transcreve, à pag. 26, um trecho de uma carta que teria sido escrita por Curt Nimuendajú a Harald Schultz pesquisador do Museu Paulista. - Segundo fui informado, na última página do livro Textos Indigenistas, que reúne vários artigos de Curt, está a carta, com data de 7 de dezembro de 1945, ou seja, tres dias antes do falecimento do Curt que se deu na aldeia Tukuna, no Acre. - Segundo o mesmo informante essa carta teria sido publicada no O Globo em 24 de janeiro de 1946. - Uma correspondência muito rápida, de uma aldeia no Acre à São Paulo e logo após à redação do O Globo.

Por não aceitar os termos dessa carta, pelo menos no que foi transcrito à pag. 26, vou tentar, de memória, dar uma versão diferente aos fatos. - Não tenho mais arquivo, que dei para o Serviço de Documentação do Museu do Índio, na gestão do prof. Ney Land, ao CEDI e, anteriormente, ao C.N.P.I., tudo conforme relações que tenho em meu poder. -

O engenheiro Carlos Teles, diretor da Estrada de Ferro Tocantins, não sei qual os motivos, passou a acumular o cargo de delegado de policia regional, ou seja, de Alcobaça (Tucuruí). - A Estrada era subordinada à Fundação Brasil Central que tinha sob sua presidência o Ministro João Alberto que, salvo engano, em certa época, foi chefe de policia do distrito federal (Rio de Janeiro). -

Uma das distrações do diretor da Estrada, sua esposa e de um amigo do casal, o jornalista Rivadavia de Souza, era o tiro ao alvo, com revolver. Atiravam na direção do rio Tocantins, pouco importando se por lá passava alguma embarcação ou mesmo se poderia alcançar a outra margem.

Os índios da região, de uma margem à outra do rio, contavam com a inimidade da população local. - A "produção" e em consequência o progresso da região eram prejudicados. Os índios, principalmente os Gavião, não permitiam a entrada nas suas terras. - O que eles chamavam de "produção" era a colêta de castanha e o progresso, quando muito, a conta bancária dos patrões arrendatários dos castanhais. Os índios deviam ser exterminados e várias investidas foram feitas nesse sentido. -

Se o leito da Estrada pegava fogo por falta de aceiro, se um ou outro barraco coberto de palha se incendiava, eram os índios que usavam flechas incendiárias. Não atinavam que o capim seco era facilmente inflamado pelas fagulhas lançadas pelas locomotivas. Eles "transportavam-se" aos filmes de "banguê-banguê".

Diante de um clima como esse, auxiliado por uma paranóia que demonstrava, com o respaldo do cargo de delegado de polícia, o engenheiro arquitetou uma incursão armada contra os índios que habitavam as terras próximas à Estrada de Ferro. Os chamados regionais e o pessoal da Estrada possuíam armas de caça, de espoleta e de cartucho, e alguns rifles Winchester cal. 44. - No entender era "material bélico" ~~muito~~ muito pouco para ser usado para quem se defendia com arco e flecha. - Conseguio, então, não sabemos se da Polícia Militar ou da 8a. Região Militar, alguns Fuzis Mauser. Não eram mais de uns 12 a 15 com a respectiva munição em ecunhetes -.

O que se perguntava, na época, e continuo perguntando, como se poderia entregar armas e munição privativas das forças armadas à uma autoridade civil e reconhecidamente irresponsável? -

Mais tarde ficamos sabendo que os Fuzis estavam descalibrados, ou o seu pessoal não sabia atirar com esse tipo de arma.

Com esse armamento, ou seja - armas de caça, Winchester 44 e os Fuzis Mauser, o Diretor da Estrada e Delegado Carlos Teles e seu bando, tendo como guia o conhecido mateiro e facinora - "Pá Virada", entravam na mata à procura dos aldeamentos. - Andar na mata, abrindo caminho à facção, não foi difícil para o pessoal do Pá Virada. O mesmo não acontecia com o engenheiro e alguns empregados da Estrada. - Na realidade eles penetraram, possivelmente, um quilometro, e depois dobraram à esquerda, seguindo daí, à distância, o leito da Estrada.-

Teles, pelo tempo, julgava estar alcançando alguma aldeia, ou talvez as cabeceiras de algum rio afluente do Bacajá, ou Anapú. - Ouve, bem perto, o apito da locomotiva e em pouco tempo saiu na beira da Estrada.-

Foi assim que se deu a tentativa frustrada do "massacre" aos índios. Alegou que tinham encontrado algum acampamento de caça e lá ele desenhava algo no chão, parecido com "cara de índio" e dava tiros de revólver. -

Era uma advertência, segundo julgava. - Com os tiros, se os índios estivessem por perto, estava prevenindo e talvez possibilitando um ataque de surpresa principalmente quando no meio deles ia um seu velho inimigo.

O facinoroso Pá Virada - quando Aminthas de Lemos foi diretor da Estrada de Ferro, tomou parte numa incursão armada contra os índios, e possivelmente Parakanã.- Atacaram aldeias, mataram índios, inclusive - crianças que ele Pá Virada se vangloriava de arrebentar as cabeças de encontro às árvores. - Hávia ou há, ainda, documentação, inclusive material, no Museu Paraense Emílio Goeldi. - Esse material me foi mostrado pelo Dr. Carlos Estavão de Oliveira, diretor do Museu e na ocasião estava presente Curt Nimuendajú. -

Diante desses fatos. Um paranóico com um bando guiado por conhecido facinoroso entra pela mata, armado e municiado pelo Exército ou pela Polícia Estadual, para atacar índios que por sua vez estavam sob a proteção de um Orgão do Governo Federal.- O que fazer ? - Atitudes burocráticas, pedidos de providências, etc.- ? - Sob minha inteira responsabilidade, mandei que o Inspetor Dorival Pamplona Nunes, o encarregado do - Posto e seu pessoal, se armassem e fossem procurar o Teles. - Eram materiais, com as armas disponíveis, com a incumbência de dar um basta nas loucuras do diretor e delegado. -

Como ficou dito acima, a bravata ficou nisso. - A minha ordem, entretanto, ficou mantida.- Diante de "fatos consumados" a ação vem antes da discussão.- O clima era esse. -

A imprensa de Belém ocupou-se do assunto e o jornalista Geraldo Palmeira, publicou uma nota na revista 'Panfleto' do Rio de Janeiro.- Não será difícil encontra-la na Biblioteca Nacional ou mesmo no Serviço de Documentação do Museu do Índio, onde devem estar, também, fotos das caixas de granadas e das granadas. - Eu as dei pessoalmente ao Prof. Ney Land, quando faziam microfilmagens de documentos das Inspetorias.-

Pelas notícias que temos, pelo que publicam nos jornais, é bem possível que em matéria de arquivo nada mais exista.- E sem arquivo, sem memória, uma pesquisa com pouco escrupulo passa a ser vista como verdadeira. -

Vamos às caixas de granadas: Foi em uma manhã, não podendo precisar a data, antes do expediente da Inspetoria, à rua 28 de Setembro n.70.-

Encontrava-me com o Inspetor Dorival Pamplona Nunes que fazia seus preparativos para mais uma viagem à região do Tocantins, na lancha "Uyrá". Nessa época prestávamos colaboração à F.B.C., levando, inclusive, alguma carga pequena que não havia tido tempo de ser transportada no vapor da linha Belém/Alcobaça. - O funcionário da Fundação Luiz Acioly Lopes, nos entregou, pedindo para levarmos para a Estrada de Ferro, entregando-as ao seu diretor, duas caixas, quadradas, com duas alças laterais, de corda. Estas caixas tinham gravadas, na parte de cima - 20 granadas -alem de FBC e um numero correspondente. - 20 granadas em diagonal-.

A nossa surpresa foi enorme mas a reação foi pronta. - Retiramos com cuidado o lacre vermelho que cobria os parafusos, tendo antes fotografado, com a Kodack 35. - Retirados os parafusos constatamos a existência de algo que passamos a conhecer como granadas pois estava escrito nas caixas. - Desse tipo nunca as tínhamos visto. Não eram as usadas pelo Exército.- O conteúdo das caixas eram de granadas diferentes e todas estavam com os detonadores à parte. - Fotografamos tudo e retiramos de cada caixa uma granada com o respectivo detonador. - Fechamos novamente inclusive com o lacre pois os tínhamos na nossa gaveta.

Na hora do expediente, com as caixas já fechadas, aguardando outra carga para embarque, recebemos a visita de Curt Nimuendajú. - Informei à ele o que havia, mostrei as caixas e as duas granadas que estavam sendo acondicionadas em uma caixa de sabonete Phebo e que remeti ao diretor do SPI. - Curt, tomado de indignação, pediu-me papel e máquina e escreveu uma carta ao Ministro João Alberto, Presidente da Fundação Brasil Central, não aceitando mais a incumbência como estava contratado, da instalação de um Museu Etnográfico em Aragarças, pois não poderia trabalhar na FBC quando esta tratava os índios com granadas, tecendo outras considerações, dizendo-me que iria juntar um documento que tinha em sua casa e mandar com urgência.

Como já dissemos as granadas acondicionadas e remetidas como material etnográfico foram em nome do dr. José Maria de Paula, Diretor do SPI.

Também oficiei pedindo-lhe providências à nível de Ministro, juntando

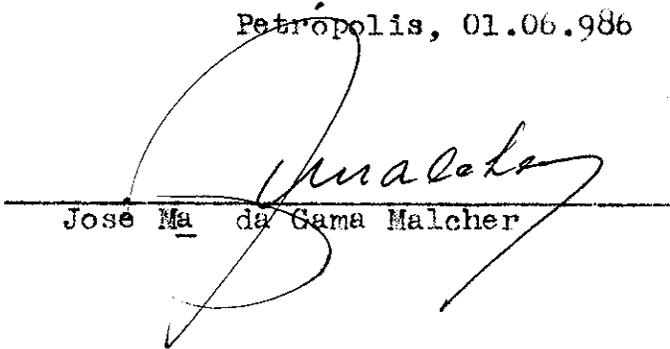
Soube mais tarde que o diretor limitou-se a abrir a caixa e mandar que o funcionário Nelson Perez Teixeira a levasse para ser jogada na baía da Guanabara. - Não tomou nenhuma providência.-Talvez receio de perder a direção do Serviço fosse uma razão muito forte.-

Diante desse episódio, das bravatas do Teles, estou certo de que o Ministro João Alberto não tinha conhecimento do que se passava.- Ele tinha um grupo de auxiliares muito bons e muito dignos, mas os carreiristas e desonestos eram em grande numero. Essas patifarias todas corriam por conta destes últimos que costumavam dizer que na FBC a unidade era mil. -

Finalmente uma indagação, de bom senso. - Para que serviria ao Teles esse tipo de granada?-Na sua incursão ele não levou. - Seriam para uso defensivo, no caso de um "ataque" dos índios. - Que treino tinha ele e o seu pessoal com esse tipo de arma.- Já sabemos que os Fuzis Mauser deram bom trabalho para treinar e acertarem no alvo, dando como desculpa que estavam descalibrados. -

Com esta minha versão não estou desmentindo ninguém nem pedindo reatificação.- Estou querendo dar minha contribuição para um fato que eu tomei parte e que ainda me lembro.-

Petrópolis, 01.06.986


José Ma da Gama Malcher